

A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NA ESCOLA DE SAMBA

Margarida do Espírito Santo Cunha **Gordo** – IFPA

Resumo

Este artigo é resultado de minha tese de doutorado, defendida recentemente em uma universidade paulista. Tem como objetivo ressaltar a importância da educação não-formal na escola de samba Bole-Bole em Belém do Pará. É uma pesquisa qualitativa, que versa sobre a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo, sendo esta última representada pela entrevista, que possuiu como tratamento para a transposição do discurso oral para o escrito, uma técnica utilizada pela história oral, constituída por três etapas: a transcrição, a textualização e a transcrição (MEIHY, 2005; VILELA, 2010). Esta pesquisa sinaliza para os seguintes resultados: há saberes e práticas educativas sendo veiculados no espaço da escola de samba, os quais são formatados por meio de oficinas, aprendidos na prática, implícitos nas relações interpessoais e nas vivências estabelecidas na escola de samba. Saberes capazes de transformar, de dar um rumo, de tirar a venda dos olhos. Saberes esses que precisam ser reconhecidos e aproveitados. Saberes esses presentes na educação não-formal, que acontece fora da formalidade da escola, mas não menos importante.

Palavras-Chaves: educação não-formal; saberes e práticas educativas; escola de samba; carnaval.

A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NA ESCOLA DE SAMBA

Introdução

A porta-bandeira da educação
E o mestre na sala, missão altaneira
Na comissão de frente da nação¹

Este artigo é resultado de minha tese de doutorado, defendida recentemente em uma universidade paulista. Tem como objetivo ressaltar a importância da educação não-formal na escola de samba Bole-Bole em Belém do Pará, desvelando a história dessa

¹ Samba enredo da escola de samba Bole-Bole no ano de 2009, composto por Herivelto Martins e Silva (Vetinho), não possui dados de discografia por não ter sido gravado.

instituição, seus projetos, seu viés educativo e identitário por meio de seus sambas e enredos, além de fazer um sobrevoo sobre a educação não-formal, tendo o corpo como ponto de entrecruzamento.

A relevância do presente estudo apoia-se no fato de possibilitar o reconhecimento dos saberes e das práticas educativas que são construídos e circulam em uma escola de samba, sendo muitas vezes ignorados e negados. Destaca também saberes gerais imprescindíveis para a vida. Esse reconhecimento pode proporcionar uma fonte a mais de conhecimento e acesso a várias vertentes da arte, como a música, a dança etc., assim como serem articulados com os conhecimentos da escola formal, principalmente tratando-se de uma escola pública, com o intuito de contribuir para uma educação mais democrática e menos excludente.

É importante destacar que a cultura do carnaval no Brasil, por muitas vezes tendo como base uma escola de samba e associações carnavalescas espalhadas pelo país afora – a maioria delas nas periferias das grandes cidades – pode contribuir no sentido de proporcionar maior acesso à educação não-formal, a qual se desenvolve independentemente de classe social, situação econômica, idade, raça, nível de escolarização, religião e de formação acadêmica. Como assinala Gohn (2011, p. 11), “não limitamos a educação não-formal a uma dada camada social” como ao atendimento às classes menos favorecidas ou jovens em situação de risco. “Ela é mais ampla, envolve outros segmentos sociais”.

Outro fato relevante a ser destacado, é que dentre os saberes e as práticas educativas que circulam e se constroem dinamicamente em uma escola de samba, mediados pela educação não-formal, há um trabalho de formação política e cidadã

muito profícuo, as teias sociais e culturais tecidas nesses espaços fortalecem as relações familiares, de amizade, de solidariedade, de cooperação e de comunidade, que são imperativos para uma vida social saudável, interativa e produtiva (GOHN, 2011).

Por conta da abrangência e proporção tomada pela educação não-formal que acontece em instituições não formais como as escolas de samba, estou desenvolvendo este estudo com o intuito de que esta modalidade de educação, que transcende a dos bancos escolares, possa ser reconhecida e expandir-se cada vez mais comprometida com a formação da cidadania, da autonomia e, acima de tudo proporcionando uma ação libertadora aos indivíduos.

É oportuno esclarecer que esta pesquisa não defende a substituição da educação formal pela não-formal, ou da escola formal pela escola de samba ou outro seguimento social, mas revelar como os saberes e as práticas educativas que acontecem na escola de samba são igualmente importantes para a formação cidadã e mesmo profissional, lembrando que para alguns o carnaval apresenta-se como ponto de partida e às vezes como única oportunidade, como é revelado nos relatos dos entrevistados.

Aprender a tocar um instrumento, dançar, representar, cantar, compor, desenhar, cortar, costurar, colar, transformar, criar, sonhar, se relacionar, se entregar para viver e aprender, assim como relacionar todo esse aprendizado com os conteúdos escolares, são processos vivos na escola de samba. Processos esses permeados por uma educação do corpo, com o corpo e para o corpo.

Esta pesquisa enquadra-se na metodologia qualitativa, sustentada por uma revisão bibliográfica – sobre a relação entre corpo e carnaval, educação não-formal e escola de samba – bem como por uma pesquisa de campo. Nesta última foram realizadas entrevistas com dois grupos: a) de pessoas que possuem alguma relação administrativa ou artística com o Bole-Bole; b) de pessoas beneficiadas pelos projetos desenvolvidos por essa escola de samba. O objetivo dessas entrevistas é o de desvelar a história e os projetos da escola de samba Bole-Bole e o viés educativo de seus sambas e enredos.

O tratamento dado às entrevistas para a transposição do discurso oral para o escrito foi uma técnica utilizada pela história oral, constituída por três etapas: a transcrição, a textualização e a transcriação (MEIHY, 2005; VILELA, 2010). A transcrição consiste no registro escrito de todo o relato do entrevistado, incluindo respiração, pausa, vícios de linguagem etc. Na textualização faz-se uma limpeza textual, retirando todos os excessos, mantendo o relato do entrevistado na íntegra. Já a

transcrição é o momento da criação, teatraliza-se o texto, fica a essência do relato, mas a forma escrita é transcrita, surgindo um novo texto (MEIHY, 2005; VILELA, 2010). Nesta pesquisa, o texto transcrito foi devolvido aos entrevistados para verificarem a pertinência entre seus relatos e a nova escrita, bem como para que autorizassem sua publicação.

A transcrição segue a nova tendência da academia dentro das ciências humanas e sociais, que é uma escrita acadêmico-poética. Uma escrita sem margem definida, que alia “textos, poemas, imagens, memórias, experiências, romances, contos, histórias, músicas... fios tecidos numa escrita que se deseja solta, livre, criativa, autoral” (AYOUB, 2014, p. 1099). Assim, justifico o fato deste artigo ter sido tecido e tramado na primeira pessoa do singular, além de que foi a forma encontrada para manter a proposta da tese original.

Corpo e Carnaval

Olha põe no corpo movimento
Põe nos olhos sentimentos
Euforias verdadeiras
Hoje faz enredo na avenida
Minha escola tão querida, carnaval é
brincadeira [...]²

No cenário mundial o carnaval representa uma das mais importantes festas, constituindo-se em um reservatório de ritmos e símbolos sobreviventes à multiplicidade de “carnavais” ao longo do tempo, que se retroalimentam constantemente e que possui como características a liberdade e o rompimento com regras pré-estabelecidas (CARVALHO; MADEIRO, 2005).

Segundo Bakhtin (1987, p. 6), o carnaval representa uma fuga, mesmo que provisória, às regras impostas pelo dia-a-dia, e “situa-se nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação”. Haja vista que

² Trecho do samba enredo do Bole-Bole para o carnaval de 2011, que teve como tema: bonecos pra lá de animados. Compositores: Vetinho e Edson Ary (PALHETA, 2012, p. 95). Não possui discografia.

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente (BAKHTIN, 1987, p. 6).

Turner (*apud* Dawsey, 2005, p. 22), revela que “os carnavais surgem como momentos extraordinários, ou interrupções do cotidiano. No mundo do capitalismo industrial, eles surgem como interrupções do trabalho. São como momentos de “loucura” que se contrapõem ao cotidiano”. Da Matta (1981), concebe o carnaval como uma festividade que estilhaça a realidade social, inventando uma ordem invertida, sem a existência de um centro de gravidade.

Turner, Bakhtin e Da Matta, referem-se ao carnaval como uma quebra do cotidiano em busca de liberdade, mesmo que momentânea, do indivíduo, da pessoa, do ser humano, mais especificamente do corpo.

Carnaval e corpo têm uma relação muito estreita, por isso é importante destacar que a historiografia do corpo revela que este atravessou séculos vivenciando restrições e tabus, envolvido por mistérios, enigmas, contenção, discrição e silêncio. Somente na sociedade contemporânea ele passa a ser o centro das atenções, principalmente o feminino, que “de ocultado transformou-se em objeto de exposição, admiração, desejo, interferências” (MATOS, 2007, p. 11), intervenções e estudos. Essa centralidade assumida pelo corpo revela muito mais do que o próprio corpo, ela é carregada de valores simbólicos e age como demarcadora de sua identidade cultural.

Como o corpo é o primeiro contato do ser humano com tudo e com todos que o cerca – contato entre pessoas é uma constante no carnaval – nele é delineado o arcabouço cultural de um grupo específico. Daolio (2009, p. 39) reforça esse pensamento quando diz que “o corpo é a expressão da cultura, portanto cada cultura vai se expressar por meio de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente como cultura”.

Seguindo essa linha, é relevante mencionar que corpo e cultura mantêm uma interdependência, a cultura precisa do corpo para se materializar, se mostrar, se fazer presente, assim como o corpo precisa da cultura como instrumento de civilidade, de socialização e de educação, tomando-se o cuidado, como alerta Csordas (1990), para que o corpo não seja reduzido a um objeto a ser estudado em relação à cultura.

Em relação a corpo e cultura, Morin (2011), enfatiza que o corpo é tecido por uma grande teia de símbolos e de significados, possuindo vários aspectos que se conectam formando um ser complexo e, Geertz (2008), acrescenta que quem tece essa teia de significados, a qual denomina de cultura é o próprio ser humano.

O corpo humano não é um corpo puramente biológico sobre o qual a cultura impinge especificidades, o corpo é fruto da interação entre natureza e cultura e, conceber o corpo como meramente biológico é pensá-lo como natural, e como consequência desse pensamento, entender que a cultura é um processo posterior ao desenvolvimento do homem, uma mera coadjuvante e, não que a cultura seja a grande responsável por esse desenvolvimento (GEERTZ, 2008).

Le Breton (2009, p. 11), assegura que apesar do corpo representar o principal ponto de diferenciação entre as pessoas e por marcar a individualidade de cada um, acredita, que parte dele a ligação entre outros corpos, ou seja, o corpo é o lócus das relações interpessoais, “o conector que o une aos outros”.

Faz-se necessário ressaltar que no espaço da escola de samba transitam muitas pessoas, muitos corpos se entrecruzando em seu cotidiano e, que por uma vasta rede de socialização se conectam (re) produzindo saberes e conhecimentos que são essenciais para a construção social, relacional e cognitiva do ser humano.

Antes de o corpo ser tomado pela ação festiva do carnaval, ele é um corpo cotidiano, experimenta vários estados e sensações que acabam se tornando rotineiros, sendo entendido como um corpo preso a convenções, tolhido de uma expressão maior e automatizado, o qual em seu dia-a-dia desempenha tarefas e cumpre papéis de modo mecânico. Não necessariamente um corpo infeliz, mas um corpo comportado, educado e contido.

Nessa concepção de comportamento e contenção dos corpos e, consequentemente do sujeito, fica nítido o papel da escola tradicional como uma das principais protagonistas desse processo fundamentado na instrumentalidade, no disciplinamento e na aprendizagem da civilidade, elegendo o controle e a disciplina como marcos de educação (NÓBREGA, 2005).

Talvez, com receio de perder o controle, as escolas comprometidas em manter o disciplinamento e a cultura dominante, afastam-se do que não parte delas, fecham-se no processo de ensino-aprendizagem cristalizando-se. Acabam ocultando o verdadeiro sentido da educação, que precisa ser entendida no seu sentido mais amplo, e não somente ao aprendizado de conteúdos escolares, principalmente quando estes estão

desconectados da realidade e das vivências dos alunos, como muitas vezes o é, tendo sua função reduzida.

Educação não-formal e escola de samba

Na passarela clara como um dia
Ao ver unidos samba e Academia
A multidão aplaude e eu me comovo.
E com pingos de lágrimas na face
Ouço arcanjos de Deus louvando o enlace
Da cultura erudita e a voz do povo³

A união entre samba e academia, a qual proporcionou o enlace entre a cultura popular e a cultura erudita, referida por Alonso Rocha em seu soneto ao desfile do Bole-Bole na homenagem à Academia Paraense de Letras, é uma das tantas possibilidades vigentes em uma escola de samba. Assim como os saberes e as práticas educativas produzidos nesses espaços, ocorrendo principalmente, por seu poder atrativo e pela convergência de pessoas de diferentes níveis socioeconômico e de formação, que carregam consigo toda uma bagagem cultural e de conhecimentos e saberes, os quais inevitavelmente são partilhados nesse espaço.

O compartilhamento do espaço da escola de samba entre os moradores do bairro pertencentes à comunidade, artistas das mais diversas áreas, antropólogos, sociólogos, psicólogos, educadores, escritores, compositores, costureiras, sapateiros, serralheiros etc., pode proporcionar saberes importantes para o desenvolvimento geral do indivíduo, os quais são provenientes de uma categoria da educação denominada de educação não-formal.

Falar sobre educação não-formal requer, em primeiro lugar, entender a abrangência do termo educação e em segundo, o sentido que o termo não-formal confere a essa junção. Outro ponto fulcral é entender sua contribuição para a melhoria da qualidade da educação brasileira, não somente no que diz respeito à elevação de seus índices, mas, sobretudo, em mudanças efetivas na vida das pessoas, ou seja, para além de proporcionar uma formação, promover a emancipação e a libertação humana. Para

³ Soneto denominado de *Desfile de Carnaval*, é de autoria do poeta e membro da Academia Paraense de Letras (APL), detentor do título de o Príncipe dos Poetas, Alonso Rocha. Este soneto foi escrito na avenida do samba no desfile do Bole-Bole no ano de 1997, na homenagem em que esta escola de samba fez para a APL, ocasião em que seus membros participaram do desfile.

isso, o indivíduo deverá politizar-se, tornar-se um ser crítico e um cidadão consciente de seu papel na sociedade.

Entendo a educação como um movimento dinâmico e constante de formação humana, que tem na escola formal um espaço privilegiado. Assinala Freire (1996) que a Educação é um processo humanizante, social, político, ético, histórico, cultural, destacando que “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67). Por conta de toda essa complexidade, acredito que esse movimento, ultrapassa os limites da escola, não restringindo-se aos ensinamentos provenientes dela.

Assim como a educação formal (que acontece na escola), a educação não-formal comporta muito bem esse movimento, caracterizando-se por acontecer alheia à burocratização e à formalidade da escola. Apesar de a nomenclatura sugerir uma oposição: formal versus não-formal, isso acontece, sobretudo no campo semântico. Na realidade ambas possuem características diferenciadas, porém, buscam objetivos semelhantes: a educação.

É importante ressaltar que esse novo campo conceitual⁴ que se apresenta à educação, denominado de educação não-formal, começa a se estruturar no Brasil a partir da década de 1990, em outros países essa discussão remonta do final da década de 1960 (GARCIA; ROTTA, 2011). Antes da década de 1960, a palavra educação era sinônima de escolaridade, somente a partir desse período o termo educação não-formal começou a adquirir certa importância no contexto mundial, devido às carências e disparidades educativas constatadas em muitos países, principalmente os subdesenvolvidos. Essa constatação foi feita a partir de uma série de análises econômicas, políticas e pedagógicas que mostraram as falhas e insuficiências da educação formal para fazer frente aos problemas constatados (DENIS, 2006).

De acordo com Gohn (2011), no Brasil o acolhimento à educação não-formal se deu por esses mesmos motivos, tendo como ponto de partida programas que envolviam a alfabetização de adultos, como a educação popular nas décadas de 1970 e 1980 e, a educação de jovens e adultos na década de 1990, principalmente nas organizações não-governamentais. É válido ressaltar que a educação e a aprendizagem geradas, nessa

⁴ É importante considerar que a prática da educação não-formal já acontecia anteriormente à própria denominação, mas sua concepção como campo educacional, com suas particularidades e características conceituais específicas é recente (GARCIA; ROTTA, 2011, p. 4).

modalidade de ensino, se dão por meio de participação social e em ações coletivas, ou seja, mediadas pela prática social.

A educação não-formal é uma ampliação ao conceito de educação, estando diretamente ligada ao conceito de cultura, caracterizada por ser uma forma de ensinar e aprender que leva em consideração a vivência dos sujeitos ao longo de sua vida, proveniente da “leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações” (GOHN, 2011, p. 106).

Levando-se em consideração que o essencial desse aprendizado é de poder ser gerado pela experiência das pessoas em trabalhos coletivos, nos quais “a produção de conhecimentos ocorre não pela absorção de conteúdos previamente sistematizados, objetivando ser apreendidos, mas o conhecimento é gerado por meio da vivência de certas situações-problema” (GOHN, 2011, p. 111). Além de que é uma forma de aprender algo importante, de produzir conhecimento fora da formalidade da escola, mas nem por isso, é possuidora de menor importância em relação aos conhecimentos desenvolvidos pela base curricular da escola (GOHN, 2007; VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2007; PARREIRA; JOSÉ FILHO, 2010). Visto que,

[...] a educação não-formal é uma possibilidade de produção de conhecimento que abrange territórios fora das estruturas curriculares da educação formal. Tem como escopo de trabalho a formação do indivíduo para o mundo, abrindo janelas para novos conhecimentos, criando canais de aprendizagem que poderão levar os indivíduos à emancipação de formas de pensar e agir social (GOHN, 2011, p. 12).

Bem como,

[...] a educação não-formal é voltada para questões que dizem respeito ao dia-a-dia dos participantes. O principal objetivo dessa corrente educativa é a formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo à sua volta e ler criticamente a informação que recebem. Isso é feito pela valorização de elementos culturais já existentes na comunidade, às vezes mesclados com novos elementos introduzidos pelos educadores, e pela experiência em ações coletivas [...] (GOHN, 2007, p. 14).

É possível entender que a educação não-formal representa um conceito de educação que não se restringe ao processo de ensino-aprendizagem dentro dos limites da escola formal e enclausurada por um currículo, pois “o termo educação envolve um leque amplo de experiências educativas, informativas e formativas que não se resume à experiência escolar, formal” (VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2007, p. 13), ela extrapola a instituição escolar para diversos espaços – como em uma escola de samba,

por exemplo – e de diferentes formas, como a valorização do aprendizado em grupo, “bem como, dos valores culturais que revelam o indivíduo em suas habilidades e potenciais extracurriculares” (PARREIRA; JOSÉ FILHO, 2010, p. 249).

Percebo na educação não-formal um caráter de coletividade e de cooperação muito profícuos, pois se trata de uma aprendizagem mediada pelas relações sociais, numa aproximação com o concreto e com o real, no aprender com e pelo prazer. Há, a meu ver, uma relação de entrega de quem dela participa, mediando essa aprendizagem. Isso é possível, sobretudo, porque seu aprendizado acontece “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2006, p. 28).

O espaço que proponho para o desenvolvimento da educação não-formal é o da escola de samba, por acreditar e entendê-lo como um lugar propício para a construção e compartilhamento de conhecimentos e saberes, que poderão proporcionar um acesso menos restrito ao processo educacional. Assim,

É importante que essa proposta de educação não-formal funcione como espaço e prática de vivência social, que reforce o contato com o coletivo e estabeleça laços de afetividade com esses sujeitos. Para tanto, necessita-se de um lugar onde todos tenham espaço suficiente para experimentar atividades lúdicas, ou seja, tudo aquilo que provoque, seja envolvente e vá ao encontro de interesses, vontades e necessidades de adultos e crianças. As atividades de educação não-formal precisam ser vivenciadas com prazer em um lugar agradável que permita movimentar-se, expandir-se e improvisar, possibilitando oportunidades de troca de experiências, formação de grupos – de proximidade e de brincadeiras e jogos, no caso das crianças e jovens –, contato e mistura de diferentes idades e gerações (VON SIMSON, PARK, FERNANDES, 2007, p. 22-23).

Esse ambiente descrito pelas autoras para a prática da educação não-formal é característico da escola de samba, pois a entendo como um espaço material e simbólico que representa um lugar: onde se produz carnaval, de liberdade, de diversão, de socialização e de possibilidades de criação. O qual exerce um poder de atração muito forte nas pessoas, principalmente na juventude, por meio da arte – música, dança, teatro, dentre outras manifestações artísticas. Por isso, defendo a ideia desses atributos da escola de samba, serem levados em consideração e esta ser aproveitada como espaço educativo e de formação. Destaco meu reconhecimento à escola formal como espaço privilegiado para que a educação aconteça, porém, destaco a escola de samba também como espaço privilegiado para esse processo, por meio da educação não-formal.

Visualizo na escola de samba um ambiente favorável à ocorrência da educação pelo fato de: exercer um poder atrativo sobre as pessoas, mediado principalmente pela arte e o uso da criatividade; contar com a presença da família; registrar baixos índices de evasão das oficinas; proporcionar uma grande circulação de pessoas com diferentes formações e saberes; possibilitar o diálogo entre os conteúdos estudados na escola com os saberes da escola de samba; proporcionar aos alunos vivências na arte e na cultura popular de uma forma mais densa, entre outros.

Bole-Bole: sua história, seus projetos

O resgate do Boi Malhadinho nos idos anos de 1990, representou muito para a cultura local. As crianças foram imediatamente envolvidas no projeto. Se aproximavam do Bole-Bole por vontade própria e faziam questão de participar dessa empreitada. A cultura local foi enriquecida. A comunidade participou de tudo. As mães das crianças foram incansáveis. Muitas oficinas e cursos aconteciam neste momento no Bole-Bole: oficinas de percussão, de folclore junino, de musicalização, de corte e costura, construção de instrumentos... havia uma riqueza grande de atividades voltadas aos moradores do bairro⁵.

A Associação Carnavalesca Bole-Bole, localizada na Passagem Pedreirinha – uma pequena rua em extensão, mas grande em movimentos de cultura popular, abriga uma escola de samba, um bloco carnavalesco, um boi-bumbá, duas igrejas de vocação evangélica, um terreiro secular de umbanda e uma forte festa religiosa a São Pedro e São Paulo no mês de junho, entre outras manifestações folclóricas e culturais – no bairro do Guamá⁶ (DIAS JÚNIOR, 2009), foi fundada no dia 02 de fevereiro de 1984, ainda como bloco da categoria C, foi ganhando, passou por todas as categorias de bloco até chegar no de escola de samba, pertencendo ao grupo especial desde 1997.

Essa escola de samba tem alguns diferenciais em relação as demais agremiações carnavalescas de Belém. Teve sua reunião de fundação realizada em uma escola formal; foi fundada por um grupo de amigos músicos e universitários e seus familiares; iniciou

⁵ Este trecho faz parte de um depoimento escrito da Dr^a. Íma Célia Guimarães Vieira.

⁶ O Guamá é um bairro localizado à margem direita do rio Guamá, de onde se origina seu nome (PREFEITURA DE BELÉM, 2014). “O Guamá é o bairro mais populoso de Belém [...] com um total de 94.610 habitantes [...] As estatísticas têm como base o Censo de 2010 e permitem investigar a situação de alguns municípios por bairros” (PORTAL ORM, 2011).

desenvolvendo oficinas de musicalização, percussão e dança; possui um traço marcante em seus sambas e enredos que é a manutenção, preservação e fomento à cultura regional, além do viés educacional; é membro de uma cadeira no Conselho Escolar da Escola Estadual de Ensino Médio Alexandre Zacharias de Assunção no bairro do Guamá. Traços esses não identificados nas outras agremiações.

Ao longo dos anos muitos projetos foram realizados no Bole-Bole, poucos tiveram apoio de órgãos governamentais, a grande maioria deles funcionou à base do voluntariado. Quando iniciou suas atividades carnavalescas em 1984, criou oficinas de musicalização, percussão e dança que funcionaram em uma escola formal no bairro, porque ainda não tinha sede (HERIVELTO SILVA, ENTREVISTA, 17/09/2013).

No ano de 1987 o Bole-Bole conseguiu um espaço físico que passou a ser sua sede e, esse feito, mesmo alguns anos depois, foi a manchete de um dos jornais de maior circulação no Estado do Pará. “Bole-Bole amplia suas finalidades: a agremiação já mantém uma escola de música para crianças e pretende desenvolver outras atividades sociais” (JORNAL O LIBERAL – CADERNO JORNAL DOS BAIRROS, 30/01/1990, p. 6).

De acordo com Herivelto Silva (Entrevista, 17/09/2013) os dirigentes do Bole-Bole foram procurados em 1988, pela direção da hoje extinta Fundação do Centro Brasileiro para Infância e Adolescência (CBIA), no sentido de efetivarem um convênio para trabalharem com menores em situação de risco, como sempre esteve a maioria dos meninos do bairro do Guamá. Com esse convênio as oficinas multiplicaram-se, apesar da precariedade do espaço físico, foram adquiridos aparelhos e ferramentas que ajudaram a aumentar a oferta de mais cursos na área de musicalização como violão, cavaquinho e ainda aprimorar a confecção e manutenção de instrumentos musicais de percussão, além de oficinas direcionadas às artes manuais como pintura, modelagem em papel machê e plásticos etc.

No início da década de 1990, foi criado o Bole-Bole do Futuro, uma escola de samba feita, sobretudo, por crianças e adolescentes alunos das oficinas, que participavam da criação do enredo, o samba, o arranjo da bateria e ajudavam a confeccionar as vestimentas. A formação da escola de samba mirim no Bole-Bole teve como objetivo o aproveitamento dos ensinamentos das oficinas. Chegaram a desfilar na Avenida Doca de Souza Franco, abrindo o desfile oficial em 1993 e em 1994. Funcionando como uma exposição a céu aberto dos trabalhos realizados pelas crianças durante o ano. Como se fosse a prova final deles.

O projeto das oficinas ampliou-se e o público alvo foi meninos e meninas em situação de risco. Como resultado do envolvimento das crianças nos projetos e nas oficinas, criamos a primeira escola de samba mirim do Estado do Pará a desfilar no desfile oficial de Belém, o Bole-Bole do Futuro (CARLOS B. SOARES, ENTREVISTA, 22/08/2014).

Destaca-se ainda que

O Bole-Bole do Futuro foi uma escola de samba mirim, mas que tinha adultos pelo meio da bateria dando apoio às crianças. Essas crianças eram das oficinas que aconteciam lá na sede. Esse projeto foi muito importante porque estimulou as crianças a construírem enredos e sambas, a aprenderem a tocar um instrumento, a ensaiar como intérprete de escola de samba, a dançar (mestre sala e porta bandeira, comissão de frente, baianinhas) enfim, o Bole-Bole apresentou o Carnaval para as crianças do Guamá e elas se envolveram muito (KLÉBER OLIVEIRA, ENTREVISTA, 17/10/2014).

Em 1997, a prefeitura de Belém lançou o projeto Moleque Pandeiro, que tinha por finalidade principal fomentar oficinas carnavalescas em todas as escolas de samba da cidade e, o Bole-Bole com sua experiência de muitos anos nessa atividade aproveitou para se firmar de vez como uma das mais importantes escolas de samba de Belém, fortalecendo-se na dança, na criação de alegorias e adereços, em musicalidade e na criação de enredos. A experiência do Bole-Bole em oficinas culturais deu origem à criação da Fundação Curro Velho pelo governo do Estado do Pará, vinculada à Secretaria Estadual de Cultura do Pará – SECULT/PA, para trabalhar com esse tipo de oficinas, indo buscar no Bole-Bole seus primeiros instrutores (HERIVELTO SILVA, ENTREVISTA, 17/09/2013).

Em 2009, com a parceria realizada com o Instituto Federal do Pará (IFPA) foi possível a realização de várias oficinas, de musicalização e de artes plásticas, dentro de um trabalho desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão e suas diretorias, que tinham como objetivo estabelecer a aproximação entre este Instituto e a escola de samba, ou seja, dos conhecimentos acadêmicos com a comunidade. Assim, muitas ações foram retomadas e desenvolvidas nesse sentido, como as oficinas de corte e costura, de papel machê, de musicalização, de artesanato etc. Essa parceria permaneceu até o ano de 2012, e resultou também em dois cursos técnicos subsequentes (Edificações e Eletrônica) ofertados para a comunidade guamaense, preferencialmente pertencentes ao Bole-Bole, para depois de formados tornarem-se agentes multiplicadores.

A partir do ano de 2010, outra parceria com uma instituição de ensino fora estabelecida, foi com a Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), por meio de uma de suas professoras e carnavalesca do Bole-Bole,

Claudia Palheta, resultando em um projeto de extensão, apoiado pelo Instituto de Ciências da Arte (ICA) e Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará nos anos de 2011, 2012 e 2013, tendo como título: Artes Carnavalescas – cenografia, figurino e maquiagem no desfile da escola de samba. O objetivo do projeto, segundo Palheta (2013, p. 2), era “desenvolver ações extensionistas de ensino e pesquisa universitária na formação de cenógrafos e figurinistas, com as diversas linguagens artísticas existentes no fazer carnavalesco presente nos barracões de escola de samba”.

Todas essas ações e relações proporcionadas pelo Bole-Bole teve muitos resultados positivos, inclusive de formação profissional aos participantes de suas oficinas, como se vê nos relatos a seguir:

Não consegui uma formação profissional na escola, estudei até concluir o ensino médio às duras penas, faltava nas aulas, achava a escola chata. Mas na escola de samba consegui ser músico. Pensando nisso, acho que o ideal seria unir a escola com a escola de samba, a tristeza com a alegria (LUÍS AUGUSTO ALCÂNTARA, ENTREVISTA, 30/09/2013).

Na realidade se não fosse o Bole-Bole eu não seria ninguém, músico então, nem pensar. Sempre tive muitas dificuldades na escola, conclui meu ensino médio empurrado pela minha família, nada me atraía na escola. Eu não faltava nas oficinas do Bole-Bole, mas faltava na escola (JOSÉ FABRÍCIO MEIRELES, ENTREVISTA, 30/09/2013).

Minha formação musical como músico de banda e instrutor de musicalização começou no Bole-Bole. Aprendi lá, o primeiro passo na música que eu dei foi lá e isso abriu as portas para o meu trabalho, para minha vida profissional (ANDRÉ S. DE ALCÂNTARA, ENTREVISTA, 22/08/2014).

Tudo na minha vida profissional veio através do Bole-Bole (KLÉBER OLIVEIRA, ENTREVISTA, 17/10/2014).

Conheço muita gente que teve sua formação profissional a partir das oficinas do Bole-Bole, e o aprendizado que tive lá, influenciou muito na segunda profissão que sigo, que é a de decorador de festas (CLEITON ALEXANDRE, ENTREVISTA, 17/10/2014).

Do ponto de vista prático, pode-se considerar que o trabalho com crianças rendeu a formação profissional de muitos jovens, que entraram para o mundo do trabalho como estilistas, carnavalescos, costureiros, músicos, além de outras atividades profissionais (DIAS JÚNIOR, 2009, p.139).

A presença de pessoas letradas e intelectuais nas manifestações culturais existentes no Guamá foi marcada pelo engajamento político e pela ação de sensibilização aos grupos sociais menos instruídos numa ação pedagógica de busca pela melhoria das condições de vida da comunidade. A presença dessas pessoas que receberam educação formal universitária, à frente dos movimentos sociais e culturais do

Guamá, evidencia que o papel desses líderes vai para além das questões de caráter puramente lúdico. (DIAS JUNIOR, 2009, p. 144-145).

Conclusão

Esta pesquisa sinaliza para os seguintes resultados: há saberes e práticas educativas sendo veiculados no espaço da escola de samba, os quais são formatados por meio de oficinas, aprendidos na prática, implícitos nas relações interpessoais e nas vivências estabelecidas na escola de samba. Saberes capazes de transformar, de dar um rumo, de tirar a venda dos olhos. Saberes esses que precisam ser reconhecidos e aproveitados. Saberes esses presentes na educação não-formal, que acontece fora da formalidade da escola, mas não menos importante.

Os saberes e as práticas educativas que acontecem na escola de samba são igualmente importantes para a formação cidadã e profissional, já que para alguns o carnaval se apresenta como ponto de partida e às vezes como única oportunidade, como explícito nos depoimentos dos entrevistados que foram beneficiados pelas oficinas. É importante também destacar sobre a possibilidade de aprendizagens, inclusive dos conteúdos escolares⁷ que podem ser proporcionadas na escola de samba.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de; MADEIRO, Gustavo. Carnaval, mercado e diferenciação social. **Revista Organização e Sociedade**, Salvador, v. 12, n. 32, p. 165-177, Jan/Mar, 2005.
- CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. **Ethos**, v. 18, n. 1, p. 5-47, março, 1990.
- DA MATTA, Roberto. **Universo do Carnaval: imagens e reflexões**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1981.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2009.

⁷ Existem para além da arte, outras disciplinas na escola, como Química – pelo estudo dos elementos químicos e reações químicas dos diversos materiais, como as colas e as soldas, por exemplo. Na Física, pelo estudo da proporção, da tridimensionalidade ao se construir uma escultura, o desenho, a perspectiva, a combinação de cores, volume etc., referindo-se às possibilidades de aprendizagem na prática dos conteúdos escolares dentro de um barracão de escola de samba (CLAUDIA PALHETA, ENTREVISTA, 18/10/2014).

DAWSEY, John C. O teatro dos “bóias-frias”: repensando a antropologia da performance. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 11, n. 24, p. 15-34, jul-dez, 2005.

DENIS, Mercedes. **La educación no formal y su marco, la educación Permanente: algunas definiciones y conceptos de donde partir**. MEC – Ministerio de Educación y Cultura. Dirección de Educación. Área de Educación No Formal. Educación No Formal: fundamentos para una política educativa / Uruguay. Montevideo: MEC, 2006.

DIAS JUNIOR, José do E. S. **Cultura popular no Guamá: um estudo sobre o boi-bumbá e outras práticas culturais em um bairro da periferia de Belém**. 2009. 161 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém-Pará.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: carta pedagógica e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GARCIA, Valéria Aroeira; ROTTA, Daltro Cardoso. Cartografias da educação não-formal. **Revista de Ciências da Educação**, n. 25, a. XIII, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/91/156>. Acesso em: 20/04/2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Não-fronteiras: universos da educação não-formal**. 2. ed. São Paulo: Rumos Itaú Cultural, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JORNAL O LIBERAL. **Bole-Bole amplia suas finalidades**. Caderno Jornal dos Bairros, 30/01/1990.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MATOS, Maria Izilda S. de. Corpo – âncora de emoções: trajetórias, desafios e perspectivas. **OPIS**, Catalão/Goias, vol. 7, n. 8, p. 11-32, jan/jun, 2007.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. 4. ed. Publicações Europa- América. p. 01-28. Disponível em: <http://ruipaz.pro.br/textos/paradigma.pdf>. Acesso: 09/09/2011.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas. v. 26, n. 91, p. 599-615. Maio-Agosto, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf>. Acesso: 18 de junho de 2012.

PALHETA, Cláudia. **Um estudo das artes carnavalescas na escola de samba Bole-Bole no Guamá**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade Federal do Pará. Belém-Pará.

PALHETA, Cláudia. **Relatório de projeto de extensão da ETDUFPA**. Artes carnavalescas: cenografia, figurino e maquiagem no desfile da escola de samba. Local de execução: escola de Samba Bole-Bole, 2013.

PARREIRA, Lúcia Aparecida; JOSÉ FILHO, Mário. A educação não formal: desafios de uma prática pedagógica. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 19, n. 1, p. 241-268, 2010.

PORTAL ORM. **Guamá é o bairro mais populoso de Belém, aponta dados do IBGE.** Data da Matéria: 02/07/2011. Disponível em: <http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=540888&%7Cguam%C3%A1+%C3%A9+o+bairro+mais+populoso+de+bel%C3%A9m,+aponta+dados+do+ibge#.U11t0PldVUU>. Acesso: 27/04/2014.

PREFEITURA DE BELÉM. **Guamá.** Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Guama.htm>. Acesso: 27/04/2014.

VILELA, Lilian F. **Uma vida em dança: movimentos e percursos de Denise Stutz.** 2010. 236 p. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Tese (Doutorado em Educação). Campinas – São Paulo.

VON SIMSON, Olga R. de M.; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. Educação não formal: um conceito em movimento. In: RUMOS EDUCAÇÃO CULTURAL E ARTE (org). **Visões singulares, conversas plurais.** São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

Referências das Entrevistas:

HERIVELTO M. SILVA. **História e projetos do Bole-Bole.** Entrevista concedida em 17/09/2013.

CARLOS BENEDITO SOARES. **História e projetos do Bole-Bole.** Entrevista concedida em 22/08/2014.

CLÁUDIA PALHETA. **Escola de samba como locus de saberes e práticas educativas.** Entrevista concedida em 18/10/2014.

LUÍS AUGUSTO ALCÂNTARA. **O Bole-Bole na minha vida.** Entrevista concedida em 30/09/2013.

JOSÉ FABRÍCIO MEIRELES. **O Bole-Bole na minha vida.** Entrevista concedida em 30/09/2013.

ANDRÉ ALCÂNTARA. **O Bole-Bole na minha vida.** Entrevista concedida em 22/08/2014.

CLEITON ALEXANDRE. **O Bole-Bole na minha vida.** Entrevista concedida em 17/10/2014.

KLÉBER OLIVEIRA. **O Bole-Bole na minha vida.** Entrevista concedida em 17/10/2014.